

Conselho de Bailey à indústria brasileira

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

O protecionismo foi um dos pontos mais discutidos no debate que se seguiu à conferência de Norman Bailey. Questionado pelo deputado Marcus Vinícius Pratini de Moraes, Bailey observou que não é a favor do protecionismo, mas sim do livre comércio. O economista lembrou que este, por exemplo, não era o caso do aço latino-americano. "Estou contra o protecionismo do aço. Como este é um ano eleitoral nos Estados Unidos, eu pessoalmente acredito que haverá protecionismo da indústria americana do aço. Já no caso do cobre, eu não acredito que haverá proteção."

Bailey recomendou à indústria brasileira adotar uma estratégia: "tentar convencer as autoridades americanas de reestruturar a proteção de forma fa-

vorável aos países latino-americanos", e lembrou que "algumas outras medidas poderiam ser tomadas pelo Brasil e por outros produtores através do GATT". Preferindo contornar o assunto, o economista preferiu contar uma história para a atenta plateia.

"Um dia, os EUA decidiram limitar suas importações têxteis, e a China, grande vendedora de tecidos, não gostou da decisão e cortou as suas compras de trigo e milho nos EUA. Na época, um dos grupos de maior pressão nos EUA era o têxtil, mas quando a China cortou suas compras de produtos agrícolas foi como se o 'lobby' têxtil não existisse, pois não há nenhum grupo nos Estados Unidos que possa superar o poder dos produtores agrícolas", disse Bailey. A barreira aos tecidos chineses caiu.